

DISCRIMINAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

BRASILEIRA *

Fúlvia Rosemberg

Professora do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

Índio não é bicho. É gente. Índio não é anta, macaco. É gente.

Raoni

Talvez, nos últimos anos, o estudo das discriminações contra grupos oprimidos tenha sido um dos temas mais intensamente discutidos no campo da literatura infanto-juvenil. A bibliografia internacional a que tive acesso — proveniente exclusivamente de países não socialistas — apresenta particularidades notáveis, apelando por um trabalho urgente de centralização e síntese, que poderia enriquecer em muito os conhecimentos atuais sobre o processo de socialização e mesmo sobre inovações metodológicas no campo da técnica de análise de conteúdo ¹.

Tais estudos se caracterizam, inicialmente, por extrema diversidade, seja disciplinar, temática, metodológica, formal ou geográfica. Com efeito, talvez seja este o campo da literatura infanto-juvenil que tenha propiciado maior rompimento disciplinar nos últimos anos, tendo em vista a diver-

* Este artigo constitui parte de uma pesquisa mais ampla sobre os "Modelos culturais na literatura infanto-juvenil brasileira" que contou para sua realização com o valioso apoio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

1 A diversidade dos estudos aparece claramente nas bibliografias. Veja-se, por exemplo, Rosemberg, 1976.

sidade de formação, acadêmica ou não, dos interessados: editores, bibliotecários, professores, psicólogos, sociólogos, linguistas e militantes dos mais diversos movimentos de liberação. O polimorfismo dos estudos sobre discriminação também aparece claramente através dos veículos utilizados para divulgação dos trabalhos de pesquisa, de reflexão ou de denúncia: boletins, panfletos, livros e revistas das mais diversas disciplinas ².

Dentre as relações de dominação, foram particularmente analisadas a étnico-racial e a sexual, coincidindo, principalmente nos E.U.A., com o recrudescimento das reivindicações igualitárias envolvendo o negro e a mulher. Refletindo preocupação incipiente nas Ciências Humanas, observamos atualmente a entrada gradual de novo tema: a discriminação contra grupos etários não-adultos, principalmente velhos e crianças ³.

A reflexão crítica sobre livros (escolares ou de recreação) para crianças e jovens brasileiros constitui preocupação subsidiária, talvez em razão da pressão exercida por necessidades mais urgentes. Desta maneira, rareiam os estudos focalizando as discriminações, sejam étnico-raciais, sejam sexuais. Assim, encontramos nos fins da década de 40, um trabalho de Moreira Leite sobre preconceito racial em livros de leitura para escolares; na década de 50, mais dois estudos sobre livros escolares (Bazzanela e Holanda) para, finalmente na década de 70 aparecer a primeira publicação brasileira tratando do tema no campo específico de livros de recreação (Schreiber).

2 Alguns exemplos: Reading Teacher (E.U.A.); Enfance (França); L'Éducation (França); Actes de la Recherche (França); The Elementary School Journal (E.U.A.); Psychological Monographs (E.U.A.); Hertha (Suécia); Women: a Journal of Liberation (E.U.A.); Journal of Negro Education (E.U.A.); Religión y Prejuicio (Itália, Espanha); Boletim, série Psicologia (Brasil).

3 Veja-se, por exemplo, a bibliografia seletiva de Shackford.

A preocupação é somente recente no tocante às representações dos papéis sexuais, que se iniciaram apenas na década de 70, coincidindo com o renascimento, no Brasil, dos movimentos feministas (Lafer e Rosemberg) ⁴.

É neste contexto de trabalhos bastante pobre que se insere a pesquisa que coordenei, que contou para sua realização com uma equipe interdisciplinar, tendo tido como principal objetivo analisar o conceito implícito de criança presente na literatura infanto-juvenil ⁵. Para tanto, o conteúdo de livros de recreação brasileiros foi estudado no intuito de detectar e de comparar discriminações etárias, étnico-raciais e sexuais. Apesar de o presente artigo tratar apenas de discriminações étnico-raciais, grande parte dos resultados obtidos para grupos não-brancos serviriam também, quase que sem reparo, para a mulher e a criança.

De um modo geral, as pesquisas interessadas detectam de discriminações étnico-raciais na literatura infanto-juvenil, segundo a tradição berelsoniana ⁶ elegendo como foco de análise o personagem, têm-se utilizado de indicadores, literários e pictóricos, susceptíveis de detectarem tratamento diferencial dado a grupos brancos e não-brancos. Se, de um modo quase sistemático, tais pesquisas apontam que os livros infanto-juvenis veiculam a relação opressor-oprimido aceita tácita e camufladamente na sociedade, é importante notar que as

4 Contamos, também, com estudos mais globais sobre o conteúdo de livros escolares: LEITE (1972) e NOSELLA (1979).

5 Integram esta equipe: Regina P. Pinto (socióloga); Esmeralda V. Negrão (lingüista); Ana Maria Caleiros e Solange Assumpção (psicólogas); Silvia Lustig (pedagoga); Nídia Vailati (estudante de Psicologia).

6 BERELSON & SALTER (1946).

discriminações não aparecem apenas como transposição pura e simples das diferentes posições sociais ocupadas por brancos e não-brancos mas que são recriadas de acordo com a simbologia do veículo ou, de um modo mais geral, da própria linguagem. Dito de outra forma: o livro infanto-juvenil pode, na veiculação de discriminações, atuar por transparência, retratando comportamentos identicamente observados na realidade social, ou captar as discriminações socialmente existentes e veiculá-las através de modos de expressão que lhe são próprios.

No presente artigo tratarei apenas das formas de discriminação étnico-racial peculiares à linguagem (literária e pictórica) dos livros infanto-juvenis (ou dos meios de comunicação de massa), detectadas na atribuição de valor ou prestígio ao personagem.

METODOLOGIA

A Amostra

Foram analisados 168 livros brasileiros de recreação destinados a crianças e jovens, editados ou reeditados entre 1950 e 1975. Tais livros constituem uma amostra casual extraída do rol de títulos repertoriados pelo Depósito Legal da Biblioteca Nacional. Além dos indicadores históricos da criação-produção (nacionalidade e época), foram estipulados alguns critérios a mais para a inclusão do título no sorteio: o livro devia conter um texto em prosa, não ser de natureza escolar e sua autoria devia ser indicada.

A partir deste conjunto de livros organizou-se o corpus, composto por 626 estórias aí contidas e obedecendo aos mesmos critérios de inclusão estipulados para o livro.

Enquanto conjunto amostral, imprimindo o tom dominante a este estudo, a maioria das estórias analisadas é

proveniente de coletâneas (79%), produzidas no eixo Rio-São Paulo (90%), a partir de 1950 (73%), por editoras laicas (60%) e destinadas a um público exclusivamente infantil (67%). Poucas, dentre elas, foram premiadas (13%) e co-editadas com apoio do Instituto Nacional do Livro (14%). Estas estórias foram escritas, ilustradas e diagramadas principalmente por homens (72%, 65%, 98%, respectivamente). A maioria de seus autores nasceu antes de 1920 (70%), tendo se dedicado exclusiva ou principalmente à literatura infanto-juvenil (41%).

A Técnica de Análise

As discriminações foram descritas com o auxílio da técnica de análise de conteúdo tanto de tipo quantitativo quanto qualitativo.

A análise qualitativa, auxiliada por um roteiro pré-fixado, utilizou a técnica de recorte e colagem, tendo servido essencialmente para a ilustração de aspectos desvendados pela descrição quantitativa.

O estudo sistemático e objetivo do conteúdo, visando a detectar as discriminações, elegeu três unidades de análise e que constituirão aqui os aglutinadores da exposição sobre o procedimento metodológico adotado para a coleta de dados.

1. Unidade de análise "personagem na ilustração"

Optou-se, por uma série de razões, mas principalmente pela importância do texto nos livros sorteados⁷, que a ilustração seria analisada às cegas, sem que se utilizasse a

7. A amostra foi selecionada antes do aparecimento no mercado brasileiro de livros caracterizáveis como "album ilustrado".

palavra como apoio na caracterização de traços ou atributos ambíguos da imagem.

Escolheu-se como unidade de análise o personagem; como unidade de contexto, a prancha na qual aparecia (não houve, portanto, transferência de informação de uma prancha ilustrada para outra) e como unidade de enumeração, a frequência de aparecimento.

O personagem — que poderia ser revestido de diferentes naturezas, aparecer sob diferentes modalidades de individualidade — foi descrito através de seus atributos e comportamentos.

Do ponto de vista de sua valorização, os aspectos descritos foram: frequência de aparecimento, proeminência na prancha, natureza, individualidade, atividades e tipos profissionais ⁸. Para cada um destes itens foram previstas categorias susceptíveis de caracterizar o personagem ⁹.

O processo de descrição do personagem, de seus atributos e de seus comportamentos na ilustração foi operacionalizado através de regras estritas, capazes de garantir uma coleta de dados objetiva e sistemática. Esta operacionalização gerou a criação de um instrumento — Manual para análise do personagem na ilustração — que teve a fidedignidade de seus itens avaliada ¹⁰.

Ainda no plano metodológico, foram testados vários processos de amostragem de pranchas ilustradas que permitissem inferências válidas do subconjunto amostral para a totalidade das ilustrações. Dentre os vários procedimentos

8 Outros aspectos de atributos e comportamentos foram analisados mas escapam ao objetivo deste artigo.

9 Ver resumos dos itens no Anexo 1.

10 Anexo 1.

propostós mostrou-se representativo apenas o que selecionou, para análise, 50% das pranchas contidas no livro e enumeradas alternadamente.

2. Unidade de análise "personagem no texto"

As decisões básicas e o procedimento adotado para a caracterização do personagem se assemelharam muito ao que foi descrito para a ilustração.

No texto, definiu-se a unidade de análise "personagem" como o equivalente literário de ser humano ou antropomorfizado, individualizado ou incluído em dupla, grupo ou coletivo. A unidade de contexto retida foi a estória, exceção feita para certos personagens tendo existência exterior à narrativa sorteada (personagens históricos, biograficos, personalidades famosas existindo realmente ou personagens de ficção criados por outros autores que não o da narrativa em questão) que tiveram a análise de certos de seus atributos efetuada com informações provenientes de fontes exteriores ao texto sorteado. Este procedimento, registrado toda vez que ocorreu, foi determinado pela preocupação marcante desta pesquisa em tentar atribuir significado, sempre que possível, à ausência de informação sobre determinados atributos. Tal atitude se apóia na hipótese subjacente de que a omissão na caracterização de atributo ou traço de um personagem nunca é neutra, mas ao contrário, que investe este ser das qualidades de categorias e grupos sociais dominantes, consideradas como universais (normais) e que são utilizadas como paradigma acima de qualquer especificação.

A unidade de enumeração escolhida foi a frequência de aparecimento do personagem-atributo na estória.

A descrição do personagem no texto se auxiliou de

um instrumento — Manual para análise do personagem no texto — que contém regras operacionalizadas destinadas à coleta sistemática e objetiva de dados. Como no "Manual para análise do personagem na ilustração", aqui também se organizou a descrição do personagem em itens que previam várias categorias ¹¹. A fidedignidade do instrumento foi testada (Anexo 2).

Tendo como preocupação diminuir o tempo de coleta de dados, validou-se um procedimento de amostragem dos personagens, que consistiu em analisar apenas os que apareciam pela primeira vez no texto, equivalendo a 30% da narrativa, equitativamente distribuído entre seu começo, meio e fim.

3. Unidade de análise "comportamento no texto"

Para a descrição dos comportamentos dos personagens foi definida uma unidade comportamental contendo três componentes: os agentes (emissores e receptores), o comportamento e o contexto em que ocorria. A unidade de enumeração retida também foi a frequência de aparecimento, e a de contexto, a estória. Os comportamentos foram descritos através de categorias agrupadas em 10 conjuntos — trabalho, lazer, expressão das emoções, afetividade, conhecimento, exercício do poder, resposta ao poder, sociabilidade, religiosidade e avaliação.

Os emissores e os receptores foram analisados através de atributos que permitissem descrever sua natureza, individualidade, sexo, cor-etnia e idade. Para a determinação do contexto foram utilizadas quatro categorias: lazer, guerra, trabalho e outros.

Apesar de inúmeras tentativas para obtenção de uma taxa de fidedignidade aceitável, os analistas não obtiveram

¹¹ Anexo 2.

um acordo nas classificações superior a 65%, o que nos levou a optar pelo método de juizes. Neste procedimento, todos os comportamentos são classificados independentemente por dois pesquisadores, havendo recurso a um terceiro para a solução das incompatibilidades.

Os comportamentos emitidos e/ou recebidos pelos personagens do texto foram selecionados de acordo com um processo de "amostragem espacial", resultante de uma adaptação da "técnica de amostragem temporal". Tal procedimento consistiu em selecionar dois comportamentos consecutivos sorteados aleatoriamente em função de sua posição na folha impressa e da numeração da página que o continha.

RESULTADOS

A discriminação contra grupos não-brancos aparece na literatura infanto-juvenil brasileira constantemente, tanto de forma aberta quanto latente, sem, porém, que a nenhum momento se valorize um discurso declaradamente preconceituoso. Na verdade, o que se observa com maior frequência é a associação entre um discurso igualitário (por exemplo, o narrador condena o preconceito) e a veiculação de discriminações mais ou menos latentes (por exemplo, a cor negra estigmatizada).

Dentre as formas latentes de discriminação contra o não-branco, talvez seja a negação de seu direito à existência humana — ao ser — a mais constante: é o branco o representante da espécie. Por esta sua condição, seus atributos são tidos como universais. A branquidade é a condição normal e neutra da humanidade: os não-brancos constituem exceção.

DISTRIBUIÇÃO DA COR-ETNIA		
	TEXTO	ILUSTRAÇÃO
Branca	72%	69%
Outras	10%	18%
Índia	10%	6%
Negra	6%	5%
Mestiça	1%	0%

TRANSPOSIÇÃO DE MODELO MATIZADO PARA	
Branco	6,5%
Negro	0,4%

ILUSTRAÇÃO EM DESACORDO COM O TEXTO	
Branços	0%
Outros	1%
Negros	6%
Índios	0%
Mestiços	10%

Observou-se, em primeiro lugar, que no texto e na ilustração os brancos são os personagens mais frequentes.¹³ Mais interessantes ainda que a frequência relativa de aparecimento, são certos detalhes da caracterização de brancos e não-brancos. É assim que, a ilustração demonstra uma preferência nítida pelo branco, mesmo na confecção de animais. Notamos, por exemplo, que diante de um modelo real animal matizado (parado, cinza) em ilustrações preto-branco o artista tende a preferir o branco ao negro. Poderiam ser invocadas, para justificar esta atitude, razões éticas ou estéticas. Porém, estas razões não me parecem neutras; sobretudo quando se encontram personagens cuja cor-etnia não é explicitada no texto, mas cujo caráter (geralmente negativo) induz o ilustrador a recriá-lo em negro.

A condição de representante da espécie do branco também apa

13 Os resultados quantitativos envolveram 4694 personagens na ilustração, 8048 personagens e 9972 unidades comportamentais no texto.

GRUPOS OU MULTIDÕES
ILUSTRAÇÃO

Branços	60%
Outros	15%
Índios	13%
Misto	7%
Negros	5%

EXPLICITAÇÃO DA COR-
ETNIA NO TEXTO

Branços	10%
Outros	41%
Negros	62%
Índios	91%
Mestiços	42%

rece, na ilustração, através da composição de grupos e multidões, que são majoritária ou exclusivamente brancas.

A normalidade da condição do ser branco, a sua neutralidade aparece claramente no texto pela não explicitação de sua cor. Neste sentido, quando se tenta detectar a cor de um personagem no texto, os mecanismos inferenciais tornam-se mais frequentemente necessários para o branco. Deste modo, na medida em que ser humano é idêntico a ser branco, o texto é aliviado de repetições desnecessárias.

A neutralidade do branco também aparece na ilustração quando segmentos de uma parte do corpo são usados como símbolo de humanidade (o dedo indicador que aponta a direção, a mão representando pessoa, etc.): nestes casos a cor é sempre a mesma, o branco sempre presente.

É importante que se note que esta branquidade paradigmática não se restringe ao universo ficcional presente no texto, pois ela é estendida a humanidade exterior à narrativa: por exemplo, nas falas diretas emitidas pelo narrador e destinadas ao lei-

tor infantil, o modelo de criança, quando explicitado, é também branco.

O fato porém do branco ser identificado ao padrão normal de humanidade não significa que sua individualidade, enquanto ser, se ja perdida. Ao contrário, a perda da unicidade e da individualidade se faz sentir sobretudo para o não-branco, negro ou índio. Na ilustração, a mulher negra não existe: quem aparece é a doméstica negra, representada monotona-mente com os mesmos traços (lábios grandes, gorda, seios avantajados, lenço na cabeça, brincos e avental). A estereotipia de traços atinge tal ponto que, em um mesmo livro, dois personagens mulheres negras diferentes receberam a mesma representação gráfica.

O índio, sob outras formas, é também ilustrado estereotipadamente: não só seus traços físicos são constantes, como também a postura em que aparecem — os homens, geralmente guerreiros ou atados a seus acessórios bélicos (arco e flecha).

No texto, talvez o mais próximo equivalente literário da individualidade de traço provém da atribuição de nome aos personagens.

MULHER NEGRA ADULTA

Doméstica	30%
Gorda	57%
Usa avental	53%

ACESSÓRIOS BÉLICOS NA ILUSTRAÇÃO

Branços	10,2%
Índios	29,7%

NOME PRÓPRIO DO PERSONA-
GEM

Branços	84,2%
Outros	35,3%
Negros	62,9%
Índios	42,3%
Mestiços	94,3%

O branco recebe, mais frequentemente que o não-branco, um nome próprio, sobrenome ou apelido. Contrariamente, os não-brancos, mais frequentemente que os brancos, são denominados, no texto, por sua origem étnico-racial. Mais Joãoes e Pedroes que brancos. Mais Índios e negros que Aritanas, Ragnis e Pedroes. A maior complexidade do personagem branco quando comparado ao não-branco aparece em muitos outros aspectos: é ele quem desempenha as atividades profissionais mais diversificadas; é para sua descrição que se utiliza um maior número de categorias comportamentais.

O branco, enquanto personagem, recebe uma elaboração maior que o não-branco. Foi assim que estes últimos obtiveram taxa de indeterminação, em vários atributos, superior à dos brancos. Sua origem geográfica, sua religião, sua situação familiar e conjugal são muito menos frequentemente descritas, no texto, que para um personagem branco. Em suma, seu acabamento literário é menos perfeito, mais incompleto.

Notamos ainda uma série de indicadores que privilegiam a cor-etnia branca e desvalorizam as outras. A cor negra, por exemplo,

PERSONAGENS FAMOSOS E HISTÓRICOS	
Branços	51,7%
Índios	39,8%
Negros	30,8%
Outros	6,3%
Mestiços	55,3% *

* A alta frequência de mestiços entre famosos e históricos se deve à inclusão na amostra de uma biografia de Coelho Neto.

NATUREZA DO PERSONAGEM	HUMANA ANTROPOMORFIZADA	
	HUMANA	ANTROPOMORFIZADA
Branços	91,8%	8,2%
Negros	74,5%	25,5%

aparece com muita frequência associada a personagens maus, seja diretamente através da pigmentação do tecido que o recobre (pele, pelo, penas), da coloração de seus acessórios e vestimentas ou ainda do contexto que o cerca. O negro associado à sujeira, à tragédia, à maldade, como cor simbólica, impregna o texto com bastante frequência.

O privilégio de ser branco aparece também na escolha de seres extraordinários: os personagens biografados, históricos, santificados ou ricos são mais frequentemente brancos que os simples mortais ou que os personagens antropomorfizados.

A frequência de aparecimento dos personagens de acordo com sua natureza (humana ou antropomorfizada) mostra mais uma face da discriminação: nos livros analisados, comparando exclusivamente brancos e negros, observa-se uma tendência (no texto e na ilustração) a que personagens antropomorfizados (quase que exclusivamente animais) sejam relativamente mais frequentes entre negros que entre brancos. A associação entre branco e humanidade é, então, reforçada pela associação entre não-branco e não-

humanidade, que ultrapassa em muito o simples dado de frequência de aparecimento. Na ilustração, por exemplo, figuras míticas e folclóricas (saci, curupira), objetos (bonecos de pano) são ilustrados com os mesmos traços de um personagem humano negro; índios reproduzem traços de primata. A proximidade entre não-branco e animalidade também se faz sentir no texto, através de comparações e associações espaciais. É assim que, não raro, um personagem índio ou negro pode ter traços físicos ou comportamentais comparados a traços físicos ou comportamentais de animais (farejou como um cão, por exemplo). Como também não é raro um séquito branco ser acompanhado por índios e cães.

ANEXO 1

FIDELIGNIDADE DO MANUAL PARA ANÁLISE DO PERSONAGEM NA ILUSTRAÇÃO

Item	Coluna do Manual	% Acordo N = 56	χ^2 N ¹ = 54 N ² = 56	Graus de liberdade	Nível de significância descritivo
Natureza	14	89,3	1,30	4	0,8618
Individualidade	15	100,0	0,003	2	0,9986
Representação	16	100,0	0,003	2	0,9986
Sexo	17	100,0	0,365	3	0,9474
Cor-etnia	18	85,7	3,440	6	0,7519
Cor dos cabelos	19	100,0	0,003	2	0,9986
Idade	20 (62,5)	76,8 (14,717)	0,7815	(5)3 (0,0116)*	0,537
Movimentação	21	83,9	0,899	7	0,9963
Trabalho	22	94,6	2,974	2	0,2260
Acessórios	23	87,5	2,092	2	0,3513
Animais acompanhando	24	92,9	0,603	5	0,9879
Hora	25	87,5	1,996	3	0,5733
Contexto físico	26	92,9	4,018	6	0,6743
Comportamento emitido	27	82,2	1,247	4	0,8704
Comportamento recebido	28	89,3	2,075	4	0,7219
Contato físico	29	96,5	2,258	2	0,3234
Choro	30	100,0	0,0003	1	0,9854
Avental	31	100,0	0,2231	1	0,6367
Personagem proeminente	32 (62,5)	78,3 (4,1774)	3,348	4 (0,3825)*Ap	0,50
N		92,9			

* Entre parênteses resultado no primeiro teste.

ANEXO 2

FIDEDIGNIDADE DO MANUAL PARA ANÁLISE DO PERSONAGEM NO TEXTO

Item	Coluna do Manual	% De Acordo N = 271	χ^2 N = 542	Graus de liberdade	Nível de sig nificância descritivo
Natureza	10	90,0	3,9669	6	AP. 0,70
Individualidade	11	93,0	1,0334	3	AP. 0,80
Sexo	12	91,9	0,4786	5	AP. 0,99
Cor-etnia	13-14	92,3	12,1041	12	AP. 0,50
Idade	15-16	81,9	21,4968	15	AP. 0,10
Nome	17	91,2	7,3932	7	AP. 0,30
Nacionalidade	18	91,2	4,5577	3	AP. 0,10
Estado	19-20	98,5	1,0207	2	AP. 0,50
Contexto geográfico	21	93,7	6,9792	5	AP. 0,30
Vida e morte	22	92,6	3,8139	6	AP. 0,80
Defeito físico	23	96,3	0,9826	2	AP. 0,95
Importância	24-25	91,5	4,4674	3	AP. 0,20
Língua linguagem	26	96,0	0,4894	1	AP. 0,50
Religião	27	97,4	2,2427	4	AP. 0,70
Valor	28	93,7	1,5651	4	AP. 0,80
Profissão	29	97,4	0,8622	3	AP. 0,80
Ativ. Escolar	30	93,4	1,9217	3	AP. 0,90
Relação conjugal	31	97,1	0,2682	4	AP. 0,99
Pais biológicos	32	99,6	4,2782	3	AP. 0,95
Pais adotivos	33	99,6	0,9826	1	AP. 0,70
Filhos biológicos	34	98,9	1,6239	4	AP. 0,80
Filhos adotivos	35	100,0	Acordo total	-	-
Irmãos	36	98,2	0,0422	1	AP. 0,98
Irmãos posição	37	99,3	3,8045	4	AP. 0,50
Família hierarquicamente superior	38	98,9	0,5454	1	AP. 0,50
Família hierarquicamente inferior	39	98,9	1,3583	1	AP. 0,30
Família ampla sem hierarquia	40	92,3	0,3158	1	AP. 0,50
Família geral	41	98,9	0,1058	2	AP. 0,95

BIBLIOGRAFIA

- BAZZANELLA, W. - Valores e estereótipos em livros de leitura. Educação e Ciências Sociais, 2(4):121-134, 1957.
- BERELSON, B. & SALTER, P.J. - Majority and Minority Americans: An Analysis of Magazine Fiction. Public Opinion Quarterly Summer, 168-190, 1946.
- HOLLANDA, Guy de - A pesquisa de estereótipos e valores nos compêndios de história destinados ao curso secundário brasileiro. Educação e Ciências Sociais, 1(3):77-119, 1956.
- LAFER, Betty M. - Meninos e meninas. SERASP (2):23-40, 1975.
- LEITE, Dante Moreira - Conceitos morais em seis livros didáticos primários brasileiros. In Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim 119 - Série Psicologia, 3. São Paulo, 1950.
- - Preconceito racial e patriotismo em seis livros didáticos primários brasileiros. In Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim 119 - Série Psicologia, 3. São Paulo, 1950.
- - Análise de conteúdo dos livros de leitura na escola primária. In O desenvolvimento da criança: leituras básicas. São Paulo, Editora Nacional/EDUSP (Atualidades Pedagógicas, 109), pp. 285-308, 1972.
- NOSELLA, Maria de Lourdes C.D. - As belas mentiras. A ideologia subjacente aos textos didáticos. São Paulo, Cortez & Moraes, 1979.
- ROSEMBERG, Fúlvia - A mulher na literatura infanto-juvenil; revisão e perspectivas. Cadernos de Pesquisa, (15): 138-140, 1975. Boletim Informativo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, (32): 5-9, 1975.

ROSEMBERG, Fúlvia - Análise de conteúdo em literatura infanto-juvenil: reflexões sobre a escolha da amostra. Comunicação apresentada no 8º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. Brasília.

-- Bibliografia sobre análise de conteúdo em livros para crianças e jovens. Suplemento bibliográfico 2. Cadernos de Pesquisa, nº 17, junho, 1976.

SCHREIBER, Maria R. - As minorias étnicas na literatura infanto-juvenil brasileira. Belo Horizonte, Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais, 1975.

SHACKFORD, Jane - Understanding aging: a positive approach through children's literature. Maio, Eric Ed., pp. 154-427, 1979.